

LAURA AKEMI SUZUKI SELINGARDI

BULLYING: UM FENÔMENO SOCIAL E CULTURAL

CAMPINAS

2012

LAURA AKEMI SUZUKI SELINGARDI

BULLYING: UM FENÔMENO SOCIAL E CULTURAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da UNICAMP para a obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Ângela Fátima Soligo.

CAMPINAS

2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Se48b Selingardi, Laura Akemi Suzuki, 1988-
Bullying: um fenômeno social e cultural / Laura Akemi
Suzuki Selingardi. – Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Ângela Fátima Soligo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Bullying. 2. Violência. 3. Agressão. 4. Sociedade. 5.
Cultura. I. Soligo, Ângela Fátima, 1956- II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

12-301-BFE

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Júlio e Sandra, pela determinação em me oferecer a melhor educação, razão pela qual cheguei até aqui.

Ao meu irmão, Márcio, que sempre me ajudou quando precisei.

Ao meu marido e companheiro, Eduardo, pelo constante incentivo, apoio e estímulo para que eu não desistisse dessa conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram presentes durante esse período tão importante da minha vida, me ajudando, encorajando, me fazendo rir nos momentos de angústia e chorar nos de alegria.

Agradeço às minhas colegas de classe, em especial Ra, Gi e Ana, sem vocês não teria aguentado todos esses longos anos.

Agradeço, acima de tudo, a Deus por sempre me guiar em minhas decisões e por me acompanhar neste caminho cheio de obstáculos, mas que, enfim, termina aqui.

“Educação não transforma o mundo.

Educação muda as pessoas.

Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar a relação dos atos de *bullying* com a formação social e cultural do indivíduo envolvido nesse fenômeno e, conseqüentemente, verificar como essa formação é responsável por desenvolver atitudes preconceituosas nas pessoas. Para isso, além de esclarecer as principais características do *bullying*, a metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi de caráter bibliográfico. Sendo assim, vários autores foram estudados, trazendo, primeiramente, definições do termo “violência”, em seguida as principais características do *bullying* e de seus agentes, seguido por conceitos de preconceito de acordo com diferentes autores e, por fim, estratégias para a solução e prevenção deste fenômeno. A partir desse estudo é possível identificar que na base das atitudes dos agressores de *bullying* há a presença de preconceitos criados pela sociedade.

Palavras-chave: *bullying*, violência, agressão, sociedade, cultura.

ABSTRACT

The aim of this paper is to verify the relation between bullying and the social and cultural formation of an individual involved in this phenomenon and, consequently, verify how this formation is responsible for developing prejudiced attitudes on people. To do so, this paper will clarify the main characteristics of bullying, and the used method to develop this paper was the bibliographic type. Several authors were studied, bringing, primarily, definitions of the term "violence" and the main characteristics of bullying, followed by concepts of prejudice according to different authors and, finally, strategies and solutions to prevent this phenomenon. From this study it's possible to identify that the base of the attitude of bullying aggressors is the prejudice created by society.

Key-words: bullying, violence, aggression, society, culture.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	VIOLÊNCIA.....	12
2.1	Tipos de violência.....	13
3	COMPREENDENDO O FENÔMENO <i>BULLYING</i>	21
3.1	<i>Bullying</i> e seus agentes.....	22
4	PRECONCEITO E <i>BULLYING</i>	27
5	EDUCAÇÃO MORAL.....	32
6	CONCLUSÃO.....	35
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Os noticiários, os jornais e os meios de comunicação em geral nos mostram, cada vez mais, a presença em nosso cotidiano de cenas e de atos que envolvem os vários tipos de violência, desde aquelas em que a pessoa é agredida fisicamente até xingamentos e humilhações.

As agressões não têm um lugar específico para ocorrer, estão presentes em qualquer ambiente em que as relações interpessoais existem, podendo ser evidenciadas na rua, no trabalho, dentro de casa e na escola. A escola, independente de sua localização ou poder aquisitivo da comunidade na qual está inserida, que deveria ser um local seguro para crianças e jovens, acaba se tornando um ambiente em que a violência está presente no seu dia a dia. Tal instituição, no geral, parece se preocupar apenas com o aprendizado dos conteúdos escolares e se esquecem dos problemas afetivos e das relações que os alunos estabelecem entre si, dando espaço para o surgimento dos conflitos interpessoais, como o *bullying*, e que por consequência acabam ficando à beira das prioridades dos educadores.

O *bullying* é um grande problema atualmente, uma vez que a falta de informações sobre este fenômeno gera dúvidas a respeito de sua ocorrência, de suas características e de seu enfrentamento. Apesar de parecer ser um fenômeno recente, na verdade não é. Esse tipo de violência ocorre há tempos nas sociedades do mundo. O que podemos dizer ser recente são os estudos realizados a cerca de tal assunto e o nome dado ao fenômeno. Talvez, para que tenha se tornando tão conhecido e discutido atualmente o que mudou foi o olhar diante dos conflitos existentes entre pares, que antes era tido apenas como “brincadeira própria da idade”. Porém, apesar de haver uma grande tendência atualmente em identificar o

bullying em qualquer situação, devemos ficar atento às formas de violência, pois nem toda agressão pode ser classificada como *bullying*.

Essas violências que vêm ocorrendo em nossa sociedade são causadas por algo a mais do que simplesmente a vontade de causar algum dano ao outro. Essa vontade vem acompanhada de uma bagagem social e cultural formada nos indivíduos a partir das relações que estabelecem durante a vida. Por isso, diante a uma sociedade repleta de conflitos que são marcados pela intolerância às diferentes etnias, religiões, crenças etc., o preconceito se torna um grande problema, uma vez que é capaz de excluir aqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos pela sociedade.

Frente à realidade na qual estamos inseridos, repleta de preconceitos e carregados de marcas de violência, pretendemos abordar neste trabalho, a partir de um estudo bibliográfico, a violência repetitiva e intencional cometida entre seus pares, que se denomina *bullying*, e como este fenômeno está relacionado com os aspectos sociais e culturais dos indivíduos que estão envolvidos.

2 VIOLÊNCIA

Antes de adentrarmos nos conceitos do *bullying* propriamente ditos e até mesmo para o entendermos melhor, abordaremos algumas definições de violência de acordo com diferentes autores.

Segundo Guimarães (1996), a palavra violência é carregada de grande abrangência, um fenômeno difícil, multifacetado, um conceito onde muda com os períodos da humanidade e com os valores atribuídos. Assim, a violência é apresentada de maneira diferenciada de acordo com a cultura, normas e valores de uma sociedade.

Para Zaluar ¹,

violência vem do latim *violentia* que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo para exercer sua força vital). Essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar o ato como violento, percepção essa que varia cultural e historicamente. (ZALUAR, 1999, p. 28)

Michaud (1989), afirma que há violência quando, numa situação de interação, um ou vários autores agem de maneira direta ou indireta, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis.

Se analisarmos a etimologia do termo “violência”, veremos que ele tem origem do latim *violentia*, do verbo *violare*, que significa tratar com violência, profanar, transgredir.

De acordo com o dicionário Aulete Digital, o termo “violência” é:

“2. emprego abusivo, geralmente ilegítimo, da força ou da coação com o fim de se obter algo; 5. o temperamento tempestuoso de quem facilmente se torna agressivo; 6. ação de constranger física ou moralmente uma pessoa para submetê-la aos desejos de outra; 7. opressão, tirania.” (AULETE DIGITAL)

Abramovay² define a violência como

¹ Antropóloga brasileira, com atuação na área de antropologia urbana e antropologia da violência.

Intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo(s) e também contra si mesmo, abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito (disfarçada sob a denominação de “acidente”), além das diversas formas de agressão sexual. As violências podem ser agressões físicas, homicídios, estupros, ferimentos, roubos, porte de armas – aquelas armas que ferem, sangram e matam. (ABRAMOVAY, 2002,p. 73)

De acordo com Ortega e Del Rey (2002), a violência é uma produção humana gerada no curso da vida de relações criadas pelas pessoas no âmbito de seus ambientes imediatos, mas também nos ambientes menos diretos.

Diante de tantas definições para o mesmo termo, podemos dizer que a violência é caracterizada por qualquer comportamento que tem a intenção de causar dano à outra pessoa ou a um grupo de pessoas, sendo que a intensidade e o modo com que o dano é causado podem variar de uma cultura para a outra e não é necessário que seja cometida contra a integridade física da pessoa, pode ser de caráter verbal, moral etc.

2.1 TIPOS DE VIOLÊNCIA

Embora quando se fale em violência a primeira forma na qual pensamos seja a violência física, não podemos nos esquecer de que existem diversos tipos de violência. Citaremos algumas a seguir:

- **Violência Física³**

A violência física é o uso da força com o objetivo de ferir, deixando ou não marcas evidentes. São comuns, murros, estalos e agressões com diversos objetos e

² Nascida em São Paulo, foi professora da Universidade Católica de Brasília e coordenadora do Observatório de Violência nas Escolas, coordenou diversas pesquisas e avaliações da UNESCO e foi consultora do Banco Mundial e do UNICEF. Doutoranda na École Doctorale EPIC – Education Psychologie Information et Communication – Université Lumière Lyon 2 – França. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1986). Formou-se em Sociologia e Ciências da Educação pela Universidade de Paris, França (Paris VIII – Vincennes).

³ Informações retiradas do *site*: www.mapadocrime.com.sapo.pt. Acesso em: agosto de 2012

queimaduras. A violência física pode ser agravada quando o agressor está sob o efeito do álcool, ou quando possui uma embriagues patológica ou um transtorno explosivo.

- **Violência Psicológica⁴**

A violência psicológica ou agressão emocional, tão ou mais prejudicial que a física, é caracterizada pela rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas. É uma violência que não deixa marcas corporais visíveis, mas emocionalmente provoca cicatrizes para toda a vida, podendo ser causada por uma pessoa ou um grupo de pessoas.

Existem várias formas de violência psicológica, como a mobilização emocional da vítima para satisfazer a necessidade de atenção, carinho e de importância, ou como a agressão dissimulada, em que o agressor tenta fazer com que a vítima se sinta inferior, dependente e culpada. A atitude de oposição e aversão também é um caso de violência psicológica, em que o agressor toma certas atitudes com o intuito de provocar ou menosprezar a vítima. As ameaças de mortes também são um caso de violência psicológica.

- **Violência Verbal⁵**

A violência verbal não é uma forma de violência psicológica, é normalmente utilizada para incomodar a vida das outras pessoas. Pode ser feita através do silêncio, que muitas vezes é muito mais violento que os métodos utilizados habitualmente, além da falta de respeito manifestada através de insultos, xingamentos, discussões e bate boca, podendo terminar em agressão física.

⁴ Informações retiradas do site: www.mapadocrime.com.sapo.pt. Acesso em: agosto de 2012

⁵ Informações retiradas do site: www.mapadocrime.com.sapo.pt. Acesso em: agosto de 2012

- **Violência Sexual⁶**

Violência na qual o agressor abusa do poder que tem sobre a vítima para obter gratificação sexual, sem o seu consentimento, sendo induzida ou obrigada a práticas sexuais com ou sem violência física. A violência sexual acaba por englobar o medo, a vergonha e a culpa sentidos pela vítima, mesmo naquelas que acabam por denunciar o agressor, por essa razão, a ocorrência destes crimes tende a ser ocultada.

- **Negligência⁷**

A negligência é o ato de omissão do responsável pela criança/idoso/outra (pessoa dependente de outrem) em proporcionar as necessidades básicas, necessárias para a sua sobrevivência, para o seu desenvolvimento. Os danos causados pela negligência podem ser permanentes e graves.

- **Violência Doméstica⁸**

A violência doméstica é o resultado da agressão física ou psicológica da(o) companheira(o). Atinge milhares de crianças, adolescentes, mulheres, homens e idosos e, na grande maioria das vezes, de forma silenciosa e dissimulada. A violência doméstica envolve a violência psicológica, a violência física, a violência verbal, a violência econômica, a violência sexual, a negligência, entre outros.

⁶ Informações retiradas do *site*: www.mapadocrime.com.sapo.pt. Acesso em: agosto de 2012

⁷ Informações retiradas do *site*: www.mapadocrime.com.sapo.pt. Acesso em: agosto de 2012

⁸ Informações retiradas do *site*: www.mapadocrime.com.sapo.pt. Acesso em: agosto de 2012

- **Violência Política**⁹

A violência política foi relacionada no passado a atentados e assassinatos. O terrorismo (que deve ser entendido como violência física e política simultaneamente) contribuiu para “democratizar” a violência política. Outra forma desse tipo de violência é a imposição de ideologias.

- **Violência Cultural**¹⁰

A violência cultural é bem pouco conhecida. Caracteriza-se pela substituição de uma cultura por um conjunto de valores importados e forçados. O exemplo mais conhecido é o da europeização dos indígenas americanos, principalmente onde se instalaram as missões católicas.

- **Violência Escolar**

A violência escolar tem sido evidenciada cada vez mais através da mídia, podendo ocorrer, segundo Charlot (2002), contra a própria escola, como exemplo podemos citar, incêndios causados por alunos, ou ainda insultos, ameaças e agressões contra professores e funcionários.

De acordo com Lopes Neto (2005), a violência escolar pode ser entendida como comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos etc.

Colombier (1989) classifica as violências ocorridas no interior da escola em brutais (agressão física ou patrimônio das pessoas) e as sutis (passar por despercebida exatamente por faltar o impacto da brutalidade).

Zaluar (1999) identifica apenas dois tipos de violência escolar: a violência

⁹ Informações retiradas do site: www.mapadocrime.com.sapo.pt. Acesso em: agosto de 2012

¹⁰ Informações retiradas do site: www.mapadocrime.com.sapo.pt. Acesso em: agosto de 2012

física e a violência simbólica (falaremos desta a seguir). Enquanto que para Charlot a agressividade escolar pode ocorrer em três níveis:

Violência física; incivildades e violência simbólica ou institucional (falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos; ensino como desprazer que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios a seus interesses; imposições de uma sociedade que não sabe acolher seus jovens no mercado de trabalho; violência das relações de poder entre professores e discentes). (CHARLOT, 2002, p. 78)

Abramovay (2002) diferencia a “violência escolar” da “violência na escola”.

A “violência escolar” como aquilo que acontece dentro da escola e a afeta diretamente (depredação, vandalismo, roubo), sendo, portanto, o espaço geográfico da escola o local onde ocorrem as ações violentas contra a própria instituição. A “violência na escola” aparece como aquilo que decorre de um padrão de sociabilidade, das relações interpessoais que hoje atingem a escola tanto pública como a privada. Trata-se tanto de uma série de práticas que compreendem os alunos e seus pares, crivadas pela formação de grupos que podem ou não se enfrentarem de modo belicoso, como compreendem agressões físicas e verbais por meio de ameaças a professores e funcionários. (ABROMOVAY, 2002, p.252)

Podemos citar como violências praticadas na escola a intimidação, a vitimização e o *bullying* (trataremos desse fenômeno a seguir).

Charlot (2002) nos chama a atenção e nos pergunta por que a escola, hoje, não está mais ao abrigo de violências que outrora eram detidas em suas portas, e o que “legalmente” pode a escola fazer em face dessas situações.

Para responder a essa questão podemos trazer Abramovay (2006), que nos diz que a escola passou a ser uma mistura de comportamentos e valores contraditórios, especialmente, após a democratização do ensino, permitindo que ao mesmo tempo em que se mostra um ambiente onde prevalece a organização e a ordem, se possa perceber também a ocorrência de episódios violentos.

Independente de quando exatamente a violência dentro das escolas começou a ser percebida, acredito que a maior preocupação diante desse fato se encontra em tentar identificar os casos que apresentam violência e a partir disso resolvê-los.

- **Intimidação**

A criança pequena pode não saber o significado da palavra “intimidação”, mas sabe quando alguém quer prejudica-la, magoando-a e deixando-a triste. Os adultos que estão diante da criança devem sempre estar bastante atentos, uma vez que ela não consegue se expressar através das palavras tudo o que está sentindo e pensando, às vezes até por medo de piorar a situação ao contar o que acontece para um adulto.

A criança que sofre com a intimidação pode apresentar mudanças em seu comportamento, como não querer ir à escola, chorar com frequência sem motivo aparente, até mesmo voltar para a casa com a roupa rasgada e com seus pertences danificados.

- **Vitimização**

Paredes (2006) classifica os tipos de vítimas entre:

- Vítima física direta: atos de violência como socos, empurrões, chutes, objetos furtados ou quebrados;

- Com meninas: puxões de cabelo, beliscões;

- Vítimas não físicas: gestos, isolamentos, xingamentos, ameaças;

- Vítimas físicas passivas: ocorre principalmente nos corredores das escolas, a vítima não reage.

- Vítimas não físicas indiretas: agressão é cometida na ausência da vítima e o agressor se mantém anônimo, como ofensas escritas sobre alguém, danos aos pertences.

Esse tipo de violência que ocorre dentro do ambiente escolar traz grandes prejuízos às vítimas. O principal efeito que a vitimização proporciona é a queda da

autoestima, podendo comprometer o desenvolvimento psicossocial, emocional e cognitivo, levando ao consumo de drogas e bebidas alcólicas, além de apresentar distúrbios de alimentação.

- **Violência Simbólica**

O pensador francês Pierre Bourdieu cria o conceito de violência simbólica para descrever o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe a sua cultura aos dominados. O sistema simbólico de uma determinada cultura é uma construção social e sua manutenção é fundamental para a perpetuação de uma determinada sociedade, através da interiorização da cultura por todos os membros da mesma.

Bourdieu (1989) parte do princípio de que a cultura é arbitrária, uma vez que não se ajusta em uma realidade dada como natural. A violência simbólica se expressa na imposição legítima e dissimulada, com a assimilação da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo de trabalho. Acrescenta ainda que este tipo de violência está inserido em todos os segmentos da sociedade, como o Estado, a mídia e a escola.

Guerra (1985) nos diz que a escola também reflete o modelo violento de convivência social. A presença de práticas autoritárias, repressoras e agressivas no interior do ambiente escolar muitas vezes não é caracterizada como tal pelos professores, violando assim os direitos dos alunos.

A escola, para Aranha (1989), ao invés de superar as injustiças sociais, é uma instituição discriminatória e reprodutora da violência simbólica. Ela reproduz a ideologia dominante, impedindo o desenvolvimento e a expressão dos anseios populares.

Diante disso, podemos dizer que a violência simbólica é exercida na persuasão

das ideias transmitidas mediante forças legítimas. A educação escolar reproduz a cultura dominante, contribuindo cada vez mais para a desigualdade social.

Talvez os alunos não percebam a existência da violência simbólica devido à falta de discussões pedagógicas a esse respeito. Assim como os professores não reconhecem os atos violentos que eles mesmos praticam, quando tentam exercer o “poder” que a própria escola lhes oferece sob a forma de controle.

Portanto, assim como Silva diz que,

a violência não se destina apenas à destruição física e corpórea, mas também a seu ser social, ou seja, à sua condição de sujeitos de determinadas relações sociais, econômicas, políticas que se encarnam e cristalizam em certas instituições e relações que não existem à margem dos indivíduos concretos. (SILVA, 2006, p. 36)

Diante desses tipos de agressão não podemos considerar que a violência seja apenas a força em si ou em ação, mas é o uso da força contra o outro que se encontra em desvantagem ou em situação de inferioridade. A violência simbólica faz parte da vida das pessoas, uma vez que elas estão inseridas em uma sociedade hierarquizada pelo poder aquisitivo, mesmo que elas não consigam perceber, pois essa dominação já está interiorizada em cada um.

3 COMPREENDENDO O FENÔMENO *BULLYING*

Atualmente a mídia tem relatado cada vez mais episódios em que crianças e adolescentes se envolvem de alguma maneira com o *bullying*. Isso tem feito com que a comunidade escolar e a sociedade em geral se interessem em conhecer melhor tal fenômeno. Podemos citar dois casos bastante famosos, que ocorreram em épocas diferentes e em sociedades diferentes:

Massacre de Columbine¹¹

“O massacre de Columbine aconteceu no dia 20 de abril de 1999, no Condado de Jefferson, Colorado, Estados Unidos, no Instituto Columbine. Faltavam apenas 17 dias para o fim do ano letivo

Os estudantes Eric Harris (apelido ReB), de 18 anos, e Dylan Klebold (apelido VoDkA), de 17 anos, abriram fogo, pouco antes do meio dia, contra vários colegas e professores. Iniciaram no refeitório, atingindo um professor, e seguiram pelos corredores carregando suas armas e atirando em quem encontrassem pela frente.

Após atingirem mais de doze pessoas, os atiradores apontaram as armas para suas próprias cabeças, colocando um fim a esta tragédia e as suas vidas. Eric e Dylan deixaram uma nota, encontrada perto dos corpos: ‘Não culpem mais ninguém por nossos atos. É assim que queremos partir’.”

Tragédia em Realengo¹²

“Na manhã da quinta-feira, do dia sete de abril de 2011, um homem de 24 anos invadiu a escola Tasso da Silveira, em Realengo, na zona oeste do Rio de

¹¹ Informações retiradas do site www.pt.wikipedia.org. Acesso em: setembro de 2012

¹² Informações retiradas dos sites www.g1.globo.com e www.portaldodia.com. Acesso em: setembro de 2012.

Janeiro, e atirou contra os alunos.

O atirador, identificado como Wellington Menezes de Oliveira, se matou após efetuar os disparos. Policiais encontraram uma carta em que ele avisava que iria se suicidar. Também de acordo com os policiais, ele seria ex-aluno da escola. Segundo testemunhas, Wellington baleou duas pessoas ainda do lado de fora da escola e entrou no colégio dizendo que faria uma palestra. Até as 13h00, a Secretaria Estadual de Saúde confirmou a morte de dez crianças.”

Em ambos os casos, os atiradores haviam frequentado a escola em que realizaram os disparos e, de acordo com as investigações, sofriam intimidações, gozações, humilhações constantes e vários tipos de preconceitos por parte dos colegas. Por esses fatores acredita-se que esses jovens atiradores eram alvos/vítimas de *bullying*, que chegaram ao limite da “aceitação” das crueldades cometidas contra eles através da reação violenta que tiveram contra seus colegas e até contra si próprios no caso de Columbine.

De acordo com Smith, Cowie, Olafsson & Liefoghe (2002), citados por Antunes e Zuin (2008), o termo *bullying* é de denominação inglesa, tem origem na década de 1970. Hoje é utilizado por países europeus e africanos, além da Austrália, Japão, Estados Unidos, Canadá e Brasil. Porém, no Brasil os estudos sobre esse tema são bastante recentes, uma vez que começou a ser pesquisado no final dos anos 1990 e início das anos 2000.

No mundo todo o *bullying* não pode ser considerado como sendo um fenômeno novo. Tognetta comenta a esse respeito:

Um fenômeno velho ou novo? Se recorrermos à memória, podemos ter sido vítimas de *bullying*, até mesmo agressores quando fomos adolescentes ou crianças. Não é um fenômeno novo, visto que muitos de nós passamos por essa situação. Do ponto de vista dos estudos, as investigações da violência na educação nunca foram tão grandemente elucidadas como hoje, porque as

ciências que se interessavam por essa temática eram em grande parte a Antropologia e a própria Filosofia, no tema da moral ou da religião. É um estudo recente do ponto de vista da Psicologia, do entendimento de que há uma forma de agressividade que acontece entre iguais, ou seja, não se trata de um conflito entre professor/aluno, entre pai/filho, entre dois sujeitos que estejam em pesos de autoridade diferentes. (TOGNETTA, 2005, p. 15)

Na Itália, segundo Constantini (2004), o termo utilizado é *bulismo*. Segundo Fante (2008), na Suécia e na Finlândia, usa-se *mobbning*; na Espanha, *acoso e amenaza*; *yjime* no Japão. Assim, diferentes países utilizam diversas maneiras para denominar o mesmo fenômeno.

No Brasil, utiliza-se *bullying*, uma vez que há certa dificuldade em se encontrar uma palavra que seja capaz de abranger todo o significado desse termo. No entanto, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância (ABRAPIA)¹³, citada por Lima (s.d.), define-o como todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotada por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Bully pode ser traduzido como valentão, tirano, brigão. Como verbo, *bully*, significa tyrannizar, amedrontar, brutalizar, oprimir, e o substantivo *bullying* descreve o conjunto de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo incapaz de se defender. (Fante e Pedra, 2008, p. 34)

Olweus, professor da Universidade da Noruega, foi o responsável por realizar o primeiro grande levantamento¹⁴ a respeito desse assunto na Suécia e na Noruega, exercendo grande influência nas pesquisas realizadas posteriormente na Inglaterra, na década de 1990.

O *bullying* é uma manifestação violenta, que ocorre quando a relação entre pares é intensificada, assim, para que exista *bullying* a agressão deverá sempre

¹³ ONG criada, em outubro de 1988 no Rio de Janeiro, pelo médico pediatra Lauro Monteiro e extinta em 2007 por falta de incentivos do Governo. Responsável pela criação de serviços de atendimento e denúncia contra a exploração sexual infantil, além de campanhas contra o *bullying* em todo o país.

¹⁴ Utilizando como base um questionário composto de 25 questões, seu grupo de pesquisa entrevistou 84.000 estudantes em diversos níveis e períodos escolares, 400 professores e 1.000 pais de estudantes.

ocorrer entre sujeitos que estão em pesos iguais de autoridade; por isso, não ocorre entre professor/aluno e nem entre pais/filhos. Caracteriza-se também pela repetição, ou seja, a criança ou o jovem são alvos de agressões físicas, verbais, psicológicas, sociais e morais constantemente. Outras características desse fenômeno são: a intencionalidade dos atos, a concordância no alvo sobre o que os agressores pensam a seu respeito e, por fim, a presença do público ou do espectador.

O *bullying* pode ocorrer em diversos ambientes além do escolar, como no trabalho, na igreja, na família, enfim, em todo lugar em que haja um convívio de pessoas. No entanto, é na adolescência que tal fenômeno ocorre com mais intensidade, uma vez que é nesta fase que há grandes mudanças físicas, emocionais, sociais e psicológicas.

Na escola, os ataques podem ocorrer no pátio, nos banheiros, na sala de aula, nos corredores, na biblioteca etc. Assim, qualquer lugar pode se tornar um ambiente favorável à agressão.

3.1 BULLYING E SEUS AGENTES

O *bullying* é um fenômeno que, teoricamente, é fácil de ser classificado. Assim, podemos identifica-lo como: direto, quando há agressão física ou verbal, apelidos, insultos, ameaças, roubo; e o indireto, quando há exclusão e isolamento do outro, difamação, indiferença etc.

Dentro dessa classificação, as pessoas que se envolvem de alguma maneira podem ser classificados em: vítima (alvo), agressor (autor), vítima agressora (alvo-autor) e observador (testemunha).

A vítima é aquele que sofre o *bullying*. Na maioria das vezes, é pouco sociável, é inseguro, possui baixa autoestima, tem poucos amigos, é passivo,

retraído e tem medo. Isso pode ocorrer devido à proteção excessiva e ao tratamento infantilizado por parte dos pais. Sendo assim, o silêncio só será rompido quando sentirem que serão realmente ouvidos, respeitados e valorizados.

As consequências para a vítima são inúmeras, podendo variar entre uma queda na baixa autoestima, ansiedade, sintomas psicossomáticos causados pelo estresse (dor de cabeça, náuseas, taquicardia etc.), medo, insegurança, angústia, depressão até pensamentos suicidas e assassinatos. De acordo com Fante (2002), citado por Lima (s.d.), muitas vítimas passam a ter baixo desempenho escolar, apresentam queda no rendimento escolar, déficit de concentração, prejuízos no processo de aprendizagem, resistem ou recusam-se a ir para a escola, trocam de colégios com frequência ou abandonam os estudos, desesperando seus pais que na sua grande maioria nem sabe que seu filho está sendo vítima de *bullying* escolar.

O agressor é tipicamente popular, tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais como vandalismo, é impulsivo e geralmente mais forte que seu alvo, sente prazer e satisfação em causar danos, dominar e controlar situações, não aceita facilmente as regras, pode roubar e bater. Podemos identificar como condições familiares favoráveis à agressividade das crianças a desestruturação, o relacionamento afetivo pobre, a prática de maus-tratos físicos, entre outros. As consequências para os agressores podem ser:

O distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares, a supervalorização da violência como forma de obtenção de poder, o desenvolvimento de habilidades para futuras condutas delituosas, além da projeção de condutas violentas na vida adulta. (INÁCIO, 2008).

O mais comum nessa prática é o sujeito observador, que não se envolve na ação e, normalmente, se cala por medo de ocorrer o mesmo com ele. Podemos, dentro desse grupo, identificar os: auxiliares, que participam ativamente da agressão; incentivadores, que incitam e estimulam o agressor; observadores, que só

observam ou se afastam; e os defensores, que protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão. (LOPES NETO, 2005). Para os observadores, há um sentimento de insegurança, ansiedade, medo e estresse, podendo comprometer seu processo sócio educacional. (INÁCIO, 2008)

Por fim, há a vítima agressora, que pode ser classificada com sendo o autor que também sofre *bullying*. Pode ser depressivo, inseguro e inoportuno, procurando humilhar os colegas para encobrir as suas limitações.

A vítima agressora é aquele aluno que, tendo passado por situações de sofrimento na escola, tende a buscar indivíduos mais frágeis que ele para transformá-los em bode expiatórios, na tentativa de transferir os maus-tratos sofridos. (FANTE, 2005, p.72 apud BRITO et al, 2010, p.13)

Segundo Lima (s.d.), o *bullying* é disseminado por todas as classes sociais, em escolas públicas e privadas, podendo se manifestar verbal, física e psicologicamente, e de forma diferenciada entre gêneros. A autora ressalta ainda que os meninos são os mais envolvidos, tanto como alvos quanto como autores.

Segundo Fante e Pedra (2008), nos países em que o *bullying* é pesquisado nota-se uma maior frequência de tal ocorrência entre os meninos, isso não quer dizer que as meninas também não o pratiquem, apenas que elas o fazem em menor escala. Ainda segundo tais autores, a maioria dos meninos utiliza os maus tratos físicos e verbais, já as meninas se valem mais de maledicência, fofoca, difamação e exclusão para provocar sofrimento psicológico em suas vítimas.

Esta é uma abordagem sobre o *bullying* que se ouve falar correntemente tanto na mídia, quanto por alguns professores e pesquisadores. No entanto, neste trabalho, iremos abordar o *bullying* através do aspecto cultural e social.

4 PRECONCEITO E *BULLYING*

Vivemos em uma sociedade bastante heterogênea. Homens e mulheres, crianças e idosos, cada um carrega consigo a sua própria identidade, suas características particulares. No entanto, apesar de cada um ter a sua peculiaridade, não podemos deixar de acreditar que os indivíduos são frutos das relações sociais que eles próprios estabelecem durante a vida. Assim, podemos dizer que a identidade é construída nas circunstâncias históricas, culturais e sociais nas quais os indivíduos estão inseridos, além das experiências particulares que ele mesmo vivencia.

Diante a essa sociedade repleta de todo tipo de diferença (religião, etnia, cor da pele, classe social etc.) e com a crescente influência que a mídia (televisão, jornais etc.) vem exercendo sobre a população, os indivíduos tendem cada vez mais a estabelecer um padrão correto de ser e de agir. Dentro desse “modelo correto”, aqueles que as pessoas consideram não possuir as características necessárias para pertencer ao grupo sofrem com o preconceito.

O que subjaz ao preconceito é o que Festinger (apud Jones, 1973) chamou de comparação social. Os sujeitos e grupos são enquadrados em parâmetros de identificação (como raça, gênero); quando um indivíduo utiliza somente o seu grupo de identificação como modelo e medida para avaliar o outro – visto então de forma negativa em relação ao modelo – desenvolve-se a atitude preconceituosa. (SOLIGO, 1996 apud SOLIGO 2001, p. 41)

Segundo Soligo (2001) a construção, no sujeito, de atitudes preconceituosas é fruto das trocas sociais e, portanto, configurada pela cultura, por influência do meio, da educação, das relações quotidianas. Assim, o preconceito implica sempre uma relação social. Aparece como um modo de relacionar-se com 'o outro' diferente, a partir da negação ou desvalorização da identidade do outro e da supervalorização ou afirmação da própria identificação.

Preconceitos são atitudes formadas a partir do desconhecimento, do pouco contato, do sentimento de exclusão, diferença ou negatividade, que um indivíduo

ou grupo pode desenvolver em relação a outro indivíduo ou grupo, e que engendram determinados comportamentos. (HELLER, 1972, apud SOLIGO, 2001, p. 41)

A partir disso, podemos dizer que o preconceito é a valoração negativa que se atribui às características da diferença. Implica a negação do outro diferente e, dentro desse mesmo movimento, a afirmação da própria identidade como superior/dominante. Nesse fenômeno, aqueles que 'obedecem' são alvo de atribuições identitárias que os desvalorizam, especialmente, a seus próprios olhos.

Heller (1992) afirma que a maioria dos preconceitos, embora nem todos, são produtos das classes dominantes. Assim, aqueles que são considerados superiores na sociedade acabam impondo o que acreditam ser correto, um modelo perfeito de ser e de viver, não aceitando as diferenças que existem em cada indivíduo.

A mesma autora ainda afirma que podemos distinguir através do conteúdo muitos tipos de preconceito: preconceitos-tópicos (por exemplo: 'os homens são maus, não é possível melhorá-los'), preconceitos morais, científicos, políticos, preconceitos de grupo, nacionais, religiosos, raciais etc. Enfim, não vamos adentrar na explicação de cada tipo de preconceito, mas qualquer que seja seu conteúdo, sua esfera é sempre a vida cotidiana. Isso indica que o preconceito é possível onde existe uma relação social hierárquica, onde existem comando e subordinação e racionalização do outro. Quem manda atribui valores à sociedade, define o que é bom e o que é ruim.

Segundo Goffman (1988), existem três tipos de visões negativas presentes na sociedade. Em todas elas um traço chama a atenção e o indivíduo é reduzido a ela. Um primeiro tipo de estigma são aqueles gerados por deformidades físicas. Outro tipo são os que têm por origem as culpas de caráter como vontade fraca, desonestidade, alcoolismo, doenças mentais, homossexualismo e desemprego. O

terceiro tipo de estigma é o tribal, de raça, nação e/ou religião. Entre os estigmas desse tipo poderíamos acrescentar os decorrentes da faixa etária em que o indivíduo se encontra, os adolescentes são enquadrados em uma forma rígida em certos estereótipos de comportamento. Os estereótipos desse tipo contaminam todos os membros, ou todos os indivíduos pertencentes ao grupo, independente de apresentarem ou não características reais que justifiquem a atribuição destes estereótipos a eles.

Independentemente do tipo de estigma identificado nos indivíduos, podemos perceber que as diferenças fazem parte da natureza humana e que o modo de agir e de pensar sobre elas é que estabelecem uma relação de preconceito ou não. Esse modo de agir e de pensar é construído socialmente, portanto o preconceito acontece quando as pessoas criam um modelo padrão a partir de suas próprias experiências e de seus ideais e como consequência quem não se enquadra nesse perfil estabelecido acaba sofrendo com o preconceito.

De acordo com pesquisas realizadas por Soligo (2001),

alguns autores têm procurado discutir a formação do preconceito, levando em conta o processo evolutivo. Na perspectiva piagetiana, os maiores níveis de manifestação de preconceito seriam encontrados nas crianças pequenas, e à medida do desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, do raciocínio por reciprocidade, as avaliações e atitudes rígidas dariam lugar a atitudes mais flexíveis, menos preconceituosas.¹⁵ No entanto, outros autores, a partir de uma abordagem sócio histórica do desenvolvimento, têm demonstrado que a aprendizagem do preconceito ocorre através das relações sociais, das trocas com os adultos, e as atitudes preconceituosas não são meramente resultantes da etapa de desenvolvimento, mas das influências da cultura, do meio onde estão inseridos os indivíduos.¹⁶ Encontramos aqui a perspectiva vygotkiana, que propõe a formação dos processos mentais superiores, em especial a consciência, a partir das trocas sociais, da inserção na cultura, da transformação dos processos interpsicológicos em intrapsicológicos. A partir dessa perspectiva, as atitudes raciais são adquiridas no processo de desenvolvimento da criança, no contato com outras crianças e com os adultos, que lhes transmitem, através da mediação da linguagem, as ideias, crenças, valores, preconceitos, padrões de condutas, que são incorporados pela criança e passam a integrar os elementos da consciência. (SOLIGO, 2001, p. 59)

¹⁵ (Doyle e Aboud, 1995; Black-Gutman e Hickson, 1996 apud Soligo, 2001, p. 58)

¹⁶ (Hirschfield, 1993; Meacham, 1996, apud Soligo, 2001, p. 58)

Diante dessa análise, entende-se que a manifestação do preconceito é individual, mas que a sua constituição se dá por meio das relações que cada um estabelece, as quais são permeadas por uma determinada história cultural e social. Assim, as relações estabelecidas entre os indivíduos são socialmente determinadas como também o é a forma pela qual as identidades pessoais e sociais são construídas.

Assim, podemos dizer que a escola, ambiente onde há uma infinita relação entre os indivíduos, é repleta dos diferentes valores que são criados pela sociedade, que acabam (pré)determinando a vida das crianças e dos adolescentes e, caso esses modelos impostos sejam aceitos como únicos e verdadeiros, haverá sempre a formação de preconceito contra aqueles que não se enquadram nesses perfis.

No ambiente escolar há, claramente, uma formação de grupos (as famosas panelas), o que é extremamente natural, uma vez que os alunos se agrupam por afinidades e semelhanças. No entanto, quando um desses grupos começa a ignorar um outro apenas por pensar e ser de maneira diferente, essa relação passa a ser prejudicial para ambas as partes, uma vez que, quando essa não interação com o diferente não é problematizada, as relações interpessoais começam a serem pautadas por conflitos, confrontos e violência.

A partir dessa realidade em que a sociedade se encontra, carregada dos diversos tipos de preconceito e em que as pessoas devem se comportar seguindo as regras de um determinado grupo, o *bullying* aparece como um fenômeno que transmite a negação da aceitação e do respeito pelas diferenças dos indivíduos através de violência.

Segundo Fante e Pedra (2008), o *bullying* nasce da recusa a uma diferença, da intolerância, do desrespeito ao outro. Portanto, diante dessa perspectiva de

desrespeito, de agir e de olhar agressivamente, de rotular e humilhar as pessoas, podemos afirmar que o *bullying* é um fenômeno embasado no preconceito, no preconceito de uma sociedade que não sabe conviver com as diferenças.

Soligo em uma entrevista ao Jornal do Professor diz que

(...) na base do *bullying* está alguma forma de preconceito. São em geral vítimas de *bullying* aquelas crianças ou adolescentes que carregam alguma marca desvalorizada socialmente: negros, gordos, portadores de certas deficiências ou dificuldades, meninas em alguns contextos, muito pobres etc. (SOLIGO, em entrevista ao Jornal do Professor, 2010)

É nesta relação estabelecida pelo preconceito que os agressores agem contra as suas vítimas, é na intolerância à diversidade, é na não aceitação de que o outro pode ser diferente simplesmente porque cada um é único, cada um tem a sua identidade formada a partir das suas vivências.

Diante a esta ideia, de que o *bullying* se manifesta quando os agressores trazem marcas impostas pela cultura e pela sociedade, podemos avaliar a atual situação que crianças e adolescentes se encontram e quais os reais motivos para as agressões e, com isso, tentar estabelecer um método eficiente para combater tal fenômeno.

5 EDUCAÇÃO MORAL

Na escola, os conflitos interpessoais ocorrem diariamente, já que este é um ambiente em que as crianças e os adolescentes passam boa parte do tempo e onde estabelecem relações com seus colegas. No entanto, esses conflitos tendem a ser ignorados por aqueles que pertencem à instituição, pois acreditam que agindo dessa maneira estarão evitando maiores problemas, ou seja, se ignorarem o problema não precisarão encontrar uma solução e se envolver em tal situação.

Ao contrário dessa perspectiva, a teoria construtivista compreende os conflitos como uma oportunidade para trabalhar os valores e as regras. Ou seja, diante a um problema ocorrido entre os alunos o educador aproveita para desenvolver habilidades que os auxiliem na sua resolução, favorecendo a formação de pessoas autônomas.

Segundo La Taille (2002), a violência desses jovens não decorre de uma falta de regras, mas é sim decorrência da ausência de valores morais na formação de sua identidade. Em casos em que há violência e desrespeito para com o próximo, as punições não devem ser a primeira estratégia para combatê-los. Pais e educadores devem realizar um trabalho para que haja uma formação de valores morais a partir de diálogo. Devem educar, mas devem estar atentos para que esta educação não seja alienada.

Vinha (2007) nos diz que em vez de evitar tais situações (os conflitos), é importante compreendê-las como oportunidades de aprendizagem. Através dos conflitos é que surgem os momentos em que aprendemos a lidar com eles, em como solucionar os problemas que surgem no dia a dia e a respeitar o outro diante às diferenças. Assim, Moreno e Sastre (2002) dizem que é necessário conceber os

conflitos interpessoais como um conteúdo essencial para a formação psicológica e social dos seres humanos.

No que se refere à educação moral, Piaget (1930 in Macedo 1996) diz que tanto as relações de coação como as de cooperação são importantes. Primeiramente a coação se faz necessária para que a criança conheça as regras e saiba o que é certo e o que é errado. Em seguida, é necessário que a criança passe por uma fase de heteronomia e de obediência à autoridade, para que, a partir do respeito mútuo e da reciprocidade, seja construído um espírito de cooperação, visando à construção da autonomia.

Como afirma Piaget,

No que concerne ao fim da educação moral, podemos, pois, por uma legítima abstração considerar que é o de construir personalidades autônomas aptas à cooperação; se desejarmos, ao contrário, fazer da criança um ser submisso durante toda a sua existência à coação exterior, qualquer que seja ela, será suficiente todo o contrário do que dissemos. (PIAGET, 1930 in MACEDO, 1996, p. 9)

Quando a criança nasce ela se encontra em um estágio chamado de anomia. Nessa fase ela ainda não possui a noção de regra. Por volta dos cinco anos, a criança começa a perceber o mundo a sua volta e a si mesma, entra em um estágio heterônimo, em que a moral começa a fazer parte da sua vida, no entanto as regras continuam sendo impostas pelos adultos e ela obedece por respeito à autoridade e por medo de perder o afeto desse indivíduo. Com o passar do tempo, a criança (a partir do dez anos) consegue ter um autocontrole, ou seja, o controle que antes era externo a ela, vai se tornando interno e ela já sabe o porquê de obedecer às regras.

Diante dessa breve análise podemos afirmar que a educação moral para Piaget tem como objetivo auxiliar as crianças a construírem a sua autonomia. Por isso, a educação moral não constitui uma matéria especial e definida, mas é algo a ser ensinado em todos os aspectos escolares e extraescolares, ou seja, educar

moralmente é proporcionar à criança situações em que ela possa vivenciar a cooperação, a reciprocidade, o respeito mútuo e por fim construir a sua autonomia.

O desenvolvimento da moralidade nos indivíduos deve ser realizado de maneira ativa e dinâmica, com isso, o aluno deve sempre estar envolvido nesse processo, através de reflexões e de autorreflexões, pensando sempre nos aspectos relevante à sociedade a qual está inserido. A fim de promover uma autorreflexão, o indivíduo precisa compreender que os valores são formados a partir de um processo de construção histórico, cultural e social. De acordo com Crochik (2006) tais valores construídos, inclusive os que se referem ao preconceito, não podem ser considerados somente “introjetados”, pois se isso ocorresse bastaria que passássemos outros valores para as crianças e, assim, não haveria preconceitos.

Portanto, se acreditamos que o preconceito é originado a partir da falta de reflexão diante a uma sociedade repleta de suas diversidades, é necessário que recorramos à educação. Através da educação moral os alunos aprenderão, a cima de tudo, a respeitar as particularidades do outro e a resolver os seus próprios conflitos sem o uso da violência.

6 CONCLUSÃO

Nesta sociedade, em que cada indivíduo tem as suas próprias características e suas particularidades, é comum notar a formação de grupos de pessoas que se identificam. As pessoas tendem a se relacionarem e estabelecem ligações sociais de acordo com o que se aproxima da sua própria imagem.

Tais características pessoais são fruto das interações sociais que o indivíduo estabelece durante a vida. Assim, cada um desenvolve a sua identidade a partir de suas relações interpessoais e do contato com a cultura daquele lugar. Portanto, um grupo de pessoas que tem uma determinada cultura pensa diferente daquele que se encontra perto, mas que está inserido em uma outra.

Diante a tanta diversidade surgem àqueles indivíduos que querem homogeneizar a cultura, impondo a sua própria como o modelo a ser seguido, o que mostramos ser a violência simbólica. No entanto, em uma sociedade tão heterogênea, é quase impossível que isso ocorra sem gerar conflitos, isso porque as pessoas têm a sua própria identidade, os seus gostos, o seu jeito de se vestir, a preferência em deixar o cabelo crespo ou liso, enfim, deveria ser uma sociedade livre para que todos pudessem escolher o seu jeito de viver, mas não é.

Podemos citar como um exemplo mundialmente conhecido da imposição cultural o genocídio contra os judeus, durante a Segunda Guerra Mundial, em que Adolf Hitler mandou executar os judeus, pois ele os considerava impuros e que não deveriam pertencem à raça humana. Obviamente, o Holocausto é um acontecimento extremamente exagerado de imposição cultural, mas que nos permite perceber que os indivíduos são capazes de pensar que a sua cultura é superior a do outro e, por isso, agem de maneira violenta e irracional, deixando o preconceito guiar seu modo de vida.

Esse preconceito e essa violência encontram-se caminhando lado a lado quando falamos em *bullying*, uma vez que acreditamos que este fenômeno tem em sua base o preconceito dos indivíduos diante àqueles que são diferentes e não se encaixam em padrões pré-estabelecidos pela sociedade na qual estão inseridos, sendo incapazes não só de aceitar, mas acima de tudo de respeitar as particularidades do outro.

O *bullying* deve ser visto como um fenômeno violento e não apenas como brincadeira de crianças e adolescentes. É uma agressão que deixa marcas nas suas vítimas, marcas que podem ser profundas e até serem irreversíveis. Devemos estar atentos ao identificar o *bullying*, pois nem toda violência pode ser chamada de *bullying*, tal fenômeno é caracterizado por ser cometido entre pares, com a intenção de agredir e ser repetitivo contra a mesma pessoa ou grupo.

No ambiente escolar, principalmente, é que deveria haver uma maior atenção para essa imposição cultural, já que este é, ou deveria ser, o local onde as crianças e os adolescentes pensam e criticam os aspectos sociais.

Considero fundamental que a escola proporcione espaços que possibilitem ao aluno discutir principalmente sobre o preconceito, para conhecê-lo melhor e entender suas origens e suas consequências, além de outros assuntos que estejam presentes em suas vidas, como a violência dentro e fora da escola, e, assim, conhecer a si próprio. A partir dessas conversas os alunos poderão trocar experiências e perceber que há diversidade em todos os lugares, mas que não precisa ser tratada com (in)diferença, mas que deve ser respeitada. Para que isso ocorra, professores devem estar preparados e treinados para ouvir os relatos e questionamentos sem julgar o aluno e sem reprimi-lo, apenas orientar as suas ações para que ele próprio consiga definir o que fazer e como agir.

Além desse espaço de discussões dentro da escola é preciso que toda a comunidade escolar tenha conhecimento sobre o *bullying*, pois de nada adianta a criança e o adolescente estarem cientes das suas causas e consequências se seus pais, tios, vizinhos não souberem lidar com ele.

Diante dessas considerações, acredito que se deve oferecer uma educação moral para os alunos. Com base em um trabalho crítico e reflexivo, as crianças e os adolescentes podem chegar a conclusões que consideram o respeito ao próximo extremamente importante para uma convivência harmoniosa. Aprendendo a conviver com a diversidade sem estabelecer relações violentas como forma de defesa da sua cultura, o *bullying* poderá ser combatido.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. **Violências no cotidiano das escolas**. In: Escola e Violência. Brasília, DF: UNESCO, UCB (Universidade Católica de Brasília), 2002.

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília, DF: UNESCO, 2006.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação**. Psicol. Soc., vol.20, n.1, Porto Alegre, Jan/Abril 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 06 de nov. 2011.

ARANHA, M. L. A. **História da educação**. 2ªed. São Paulo: Moderna, 1989.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. / Pierre Bourdieu; tradução de Fernando Tomaz, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, [1989].

BRITO, A. C. et. al. **Bullying não é brincadeira, é violência**. Campinas, [s.n.], 2010.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias [online]. Porto Alegre. Jul/dez 2002. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000200016&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 23 de agosto de 2012.

COLOMBIER, C. **A violência na escola**. / Claire Colombier, Gilbert Mangel, Marguerite Perdriault. Tradução de Rosana Kligerman Murray. São Paulo: Summus, 1989.

CONSTANTINI, A. **Bullying: como combatê-lo?** São Paulo: Itália Nova, 2004.

CROCHÍK, J. L.; CROCHIK, N. **Preconceito e Desempenho: as classes escolares homogêneas**. Eccos. Revista Científica, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 313-331, 2006.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Verus Editora, 2005.

FANTE, C., PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas e respostas.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.

GOFFMAN, ERVING. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4ªed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

GUERRA, V. N. A. **A violência de pais contra filhos: procuram-se vítimas.** 2ªed. São Paulo: Cortez, 1985

GUIMARÃES, Áurea M. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade.** Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1996.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

INÁCIO, S. R. L. **Bullying: a síndrome da humilhação.** 2008. Disponível em:

<<http://www.artigos.com/artigos/sociais/administracao/lideranca/bullying:-a-sindrome-da-humilhacao-4998/artigo/>>. Acesso em: 13 de out. 2011

JONES, J. M. **Racismo e preconceito.** São Paulo: EDUSP, 1973.

LA TAILLE, Y. de. **Vergonha, a ferida moral.** Petrópolis, RJ, Vozes, 2002

LIMA, C. T. **Bullying e seus efeitos no ambiente escolar.** s.d. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/quest44dfeb3/artigo-bullying-e-seus-efeitos-na-parendizagem>>. Acesso em: 05 de nov. 2011.

LOPES NETO, Aramis. A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** J. Pediatr. (Rio J.) [online]. 2005, vol.81, n.5, suppl., pp. s164-s172. ISSN 0021-7557. Disponível em: <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wixs.exe/iah/>>. Acesso em: 13 de out. 2011.

MENIN, M. S. S. **Desenvolvimento Moral.** In. MACEDO, L. (Org.). Cinco estudos de Educação Moral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

MICHAUD, Y. **A violência.** Yves Michaud; tradução de L. Garcia. São Paulo, SP: Ática, 1989.

MORENO, Montserrat; SASTRE, Genoveva. **Resolução de conflitos e aprendizagem emocional: gênero e transversalidade.** São Paulo: Editora Moderna, 2002.

ORTEGA, R. e DEL REY, R. **Estratégias educativas para a prevenção da violência.** Brasília, DF: UNESCO, UCB (Universidade Católica de Brasília), e Observatório de Violências nas Escolas, 2002.

PAREDES, E. C. **Violência: o que tem a dizer alunos e professores da rede pública de ensino cuiabana.** / Eugênia Coelho Paredes, Lea Lima Saul, Katia Simone da Rosa Bianchi, Cuiabá, MT: UFMT, 2006.

SILVA, Nilma Renildes da. **Relações sociais para superação da violência escolar e processos formativos de professores.** São Paulo: PUC-São Paulo, 2006.

SOLIGO, A. F. **O preconceito racial no Brasil: análise a partir de adjetivos e contextos.** Tese defendida para a obtenção do título em doutorado com a orientação da Prof^a Dr^a Solange M. Wechsler. (2001)

SOLIGO, A. F. Entrevista concebida em janeiro de 2010, ao site <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=943>. Acesso em: 13 de setembro de 2012.

TOGNETTA, L. R. P. **Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos.** In: PONTES, A.; DE LIMA, V.S. (org.). **Construindo saberes em educação.** Porto Alegre: Zouk, 2005, p. 11-32.

TOGNETTA, L.R.P.; VINHA, T.P. **Quando a escola é democrática: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras. 2007

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.** São Paulo, SP: Brasiliense, 1999.

VIOLENCIA. In: Aulete Digital. Acesso em: 24 de nov. 2011.